

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS — PORTUGUÊS E  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lorenzo de Almeida

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO RESULTADO DA  
MISÉRIA EM “FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA, À LUZ DA  
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Santa Maria, RS  
2023

**Lorenzo de Almeida**

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO RESULTADO DA MISÉRIA EM  
“FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA, À LUZ DA LINGUÍSTICA  
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Bacharelado em Letras — Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Sara Regina Scotta Cabral

Santa Maria, RS  
2023

**Lorenzo de Almeida**

**A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO RESULTADO DA MISÉRIA EM  
“FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA, À LUZ DA LINGUÍSTICA  
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Bacharelado em Letras — Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Letras**.

---

**Sara Regina Scotta Cabral, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Cristiane Salete Florek, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

Meu barquinho vai subir o São Francisco  
Como quem sobe os degraus de uma igreja  
Não vou entregar minha cabeça em uma bandeja  
Quero morrer na peleja.  
(VIVENDO DO ÓCIO, 2015).

Já quebrei meus grilhões, dirás talvez. Também o cão, com grande  
esforço arranca-se da cadeia e foge. Mas, preso à coleira, vai  
arrastando um bom pedaço da corrente.  
(AULO PÉRSIO FLACO, 34-62 d.C., Sat. V, 158).

Toda a gente tem qualquer coisa a ensinar aos outros.  
(PEPETELA, 1981, p. 26).

# A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO RESULTADO DA MISÉRIA EM “FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA, À LUZ DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Lorenzo de Almeida

**Resumo:** Para Halliday (1982), a antilinguagem é o que caracteriza uma antissociedade, podendo ser um modo de resistência de grupos marginalizados diante de uma linguagem/força dominante. Atrélendo tal conceito a uma análise léxico-gramatical, busca-se analisar a forma como a violência, fruto da miséria, é representada no conto “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca (2012). A pesquisa está firmada nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1989) e Halliday e Matthiessen (2014). Também, baseia-se no modelo de Hasan (1989) de arte verbal e linguagem, para atrelar a prática da análise linguística a um objeto literário. A natureza da pesquisa é de cunho qualitativo interpretativista, posto que se vale do sistema de transitividade da metafunção ideacional – que concebe a oração como representação – para efetuar a análise do *corpus*. Os resultados apontam para a predominância de processos materiais e relacionais que indicam ações e atributos do grupo. Ao mesmo tempo, foram identificadas quatro categorias reveladoras de antilinguagem empregada pelas personagens, distribuídas em: (1) natureza psicológica/mental (AP); (2) natureza carnal/sexual (AC); (3) natureza física/material (AF); (4) natureza escatológica (AE). Assim, a violência representada no conto insere-se como tentativa de as personagens reverterem sua fragilidade social, ao passo que, concomitantemente, possam manter intactas a identidade do grupo e a contrarrealidade experienciada.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional. Arte verbal. Rubem Fonseca. Transitividade. Antilinguagem.

## THE REPRESENTATION OF VIOLENCE AS A RESULT OF POVERTY IN “FELIZ ANO NOVO”, BY RUBEM FONSECA, IN LIGHT OF SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS

**Abstract:** For Halliday (1982), anti-language is what characterizes an anti-society, and may be a form of resistance by marginalized groups in the face of a dominant language/force. Linking this concept to a lexicon-grammatical analysis, we seek to analyze the way in which violence, the result of poverty, is represented in the short story “Feliz ano novo”, by Rubem Fonseca (2012). The research is based on the assumptions of Systemic-Functional Linguistics, by Halliday (1989) and Halliday and Matthiessen (2014). In addition, it will be based on Hasan’s (1989) model of verbal art and language, to link the practice of linguistic analysis to a literary object. The nature of the research is of an interpretive qualitative nature, as it will use the transitivity system of the ideational metafunction – which conceives clause as representation – to carry out the analysis of the *corpus*. The results point to the predominance of material and relational processes that indicate actions and attributes of the group. At the same time, four revealing categories of anti-language used by the characters were identified, distributed: (1) psychological/mental nature (PSA); (2) carnal/sexual nature (CA); (3) physical/material nature (PHA); (4) eschatological nature (EA). Thus, the violence represented in the story is part of the characters’ attempt to reverse their social fragility, while, at the same time, they can keep the group’s identity and the counter-reality they experience intact.

**Keywords:** Systemic-Functional Linguistics. Verbal art. Rubem Fonseca. Transitivity. Antilanguage.

## INTRODUÇÃO

Por meio da linguagem, os seres humanos se comunicam e significam no mundo. Com intuito de refletir sobre as motivações que circundam a construção dos significados é que Michael Halliday estrutura a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), uma teoria social que privilegia o significado em vez da forma. Por esse motivo, opõe-se à gramática tradicional, a qual restringe o significado a unidades particulares dos enunciados.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem é um sistema sociosemiótico que permite aos indivíduos interagirem e expressarem suas experiências. Nessa direção, no que

tange ao caráter social, semiótico e funcional da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Barbara e Macêdo (2009) atestam que, por ser o texto a unidade semântica o ponto de partida (em vez da oração), a LSF é uma teoria da comunicação humana. Por essas razões, entende-se que seu potencial teórico-metodológico favorece uma visão ampliada e abrangente do objeto de pesquisa.

Dada sua capacidade de “mostrar características vivas da sociedade” (BARBARA; MACÊDO, 2009, p. 95) de forma sistemática e dada a sua versatilidade para vários tipos de texto, a Linguística Sistêmico-Funcional pode servir, inclusive, para dar conta de textos caracterizados por linguagem mais subjetiva ou poética. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, que se deterá a imprimir uma análise de natureza linguística em uma materialidade literária. Para dar suporte a essa análise, será considerado o modelo de Hasan (1989), concatenando arte verbal e linguagem.

No conto “Feliz ano novo” (1975), da obra homônima de Rubem Fonseca, é retratado um grupo de indivíduos à margem da sociedade, que tomam atitudes violentas para responder à frágil realidade vivida. Considerando-se que as pessoas se autorrepresentam por meio da linguagem, demonstrando suas ideologias, seus valores, executar-se-á uma análise léxico-gramatical do conto fonssequiano, *corpus* da pesquisa. Para tanto, o conceito de antilinguagem (HALLIDAY, 1982) servirá para auxiliar o estudo das ações praticadas pelas personagens que, em situação de vulnerabilidade, compõem uma antissociedade. Em outras palavras, o conceito hallidayano será útil, posto que se depreende que a constituição desses atores, os quais estão à margem da sociedade, dá-se pela linguagem não dominante, produto de tensão social. Logo, a ideia de uma antilinguagem é relevante ao se considerar indivíduos que se distanciam da língua padrão, mas que, por outro lado, são sujeitos que partilham vivências e que representam sua experiência no mundo, por meio da linguagem.

Também, de maneira a viabilizar um mapeamento linguístico da violência expressa no conto e que regula, predominantemente, as ações da história, far-se-á uso do sistema de transitividade da metafunção ideacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Essa metafunção, que compreende a oração como representação, está presente na gramática concebida por Halliday (1989), o que será aprofundado na seção subsequente.

A motivação de pesquisa reside na escassez de investigações que vinculem metodologicamente a Linguística Sistêmico-Funcional a um objeto literário; neste caso, o conto “Feliz ano novo”. Deste modo, busca-se iluminar duas áreas do conhecimento e demonstrar o potencial científico que pode resultar de tal cruzamento. Munido do aporte teórico indicado, o

presente trabalho se detém a responder: “como a antilinguagem pode representar a violência atrelada à miséria no conto ‘Feliz ano novo’?”

Ademais, o objetivo geral a ser perseguido é identificar, por meio do sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e orientado pelo conceito de antilinguagem (HALLIDAY, 1982), as representações de violência no conto "Feliz ano novo", de Rubem Fonseca (2012). Enquanto isso, os objetivos específicos consistem em: **i)** fazer um cruzamento entre estudos da Gramática Sistêmico-Funcional com estudos da arte verbal; **ii)** analisar processos, participantes e circunstâncias indicadoras de violência no texto “Feliz ano novo”; **iii)** verificar como a antilinguagem é empregada pelas personagens do conto “Feliz ano novo”.

O trabalho está constituído da seguinte maneira: pela atual seção, a da **introdução**; pela parte relativa à **revisão de literatura**, em que serão esmiuçados os referenciais teóricos necessários à realização da pesquisa; pela seção que abarca os **procedimentos metodológicos**, que intentam atingir os objetivos propostos e, por fim, pela exposição dos **resultados** obtidos com o trabalho executado.

## **1 REVISÃO DA LITERATURA**

### **1.1 LINGUAGEM: UM SISTEMA**

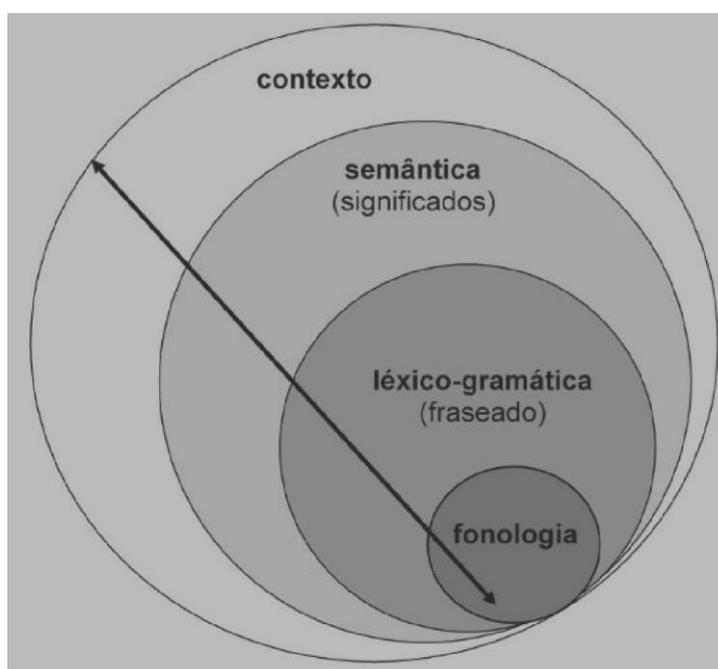
Como já abordado na seção de Introdução, para Halliday (1989), a linguagem é um sistema sociossemiótico que permite aos seres humanos interagirem e se comunicarem entre si. Ao desenvolver a teoria Sistêmico-Funcional, ele objetivou organizar a linguagem enquanto ferramenta para a construção de significado e para a expressão de ideias e experiências. Tendo isso em vista, visando a avaliar todas as nuances do texto e a centralizar o olhar para a funcionalidade da língua – e não para itens lexicais isolados -, o linguista britânico idealizou a abordagem sistêmico-funcional.

Essa teoria de características sociológicas privilegia, portanto, a língua em uso. Assim sendo, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) privilegia a organização sistemática da língua, categorizando-a e sistematizando-a de forma a melhor vislumbrar os recursos linguísticos manuseados. Ou seja, o falante tem, a seu dispor, uma série de escolhas fornecidas pelo aparato linguístico, cabendo a ele realizar a opção mais apropriada para determinado fim de comunicação. Tal escolha, consciente ou não, dita a produção de seu discurso; enquanto isso, a

perspectiva sistêmico-funcional da língua estabelece uma visão panorâmica do texto, com vistas a explorar, com precisão, as motivações e os efeitos de sentido gerados.

A respeito da concepção de texto, Halliday e Matthiessen (2014, p. 4-5) descrevem-no como “qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem”. A interação entre os falantes de uma língua, por meio da linguagem, manifesta-se a partir de um sistema semiótico, inserindo-se em diferentes estratos, como se pode observar a seguir, na Figura 1.

Figura 1 – A linguagem em estratos



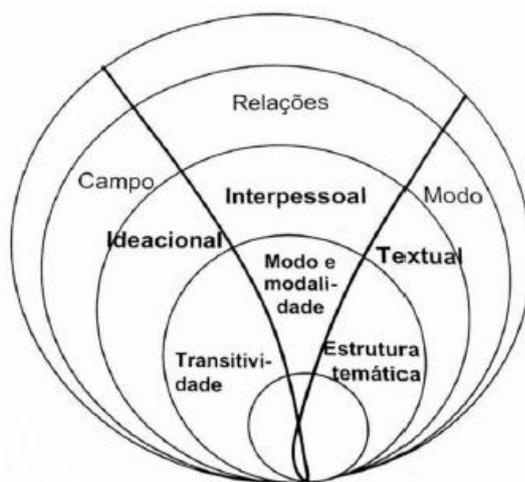
Fonte: (FUZER; CABRAL, 2010, p. 10, adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 25).

O estrato da léxico-gramática corresponde aos itens lexicais que podem ser manipulados pelo usuário da língua e é realizado pela fonologia e pela grafologia. Em um nível acima, encontra-se a semântica, que se refere aos significados. O contexto, a última camada, abrange os outros dois estratos. De acordo com Halliday (1982), o significado é delineado por dois contextos, o de cultura e o de situação. Enquanto o primeiro (macrocontexto) abrange um nível mais amplo e diz respeito ao conjunto de práticas e valores partilhados por um grupo, o segundo (microcontexto) é mais imediato.

Dentro do contexto de situação existem três variáveis: **campo** (atividade dos envolvidos), **relações** (participantes) e **modo** (função que a linguagem exerce). As chamadas metafunções da linguagem, que se relacionam a cada variável, são “as manifestações, no

sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 21). A Figura 2, a seguir, ilustra esta correlação.

Figura 2 - Metafunções



Fonte: (FUZER; CABRAL, 2010, p. 22).

## 1.2 A METAFUNÇÃO IDEACIONAL E A TRANSITIVIDADE

Halliday, ao conceber sua gramática, aponta três metafunções, cujos significados dependem dos contextos sociais e culturais da interação. Esses três grupos fundamentam as possibilidades de significado que são realizados pela léxico-gramática. São elas: a metafunção ideacional, que vê a oração como representação; a metafunção interpessoal, a qual compreende a oração como troca; e a metafunção textual, concebendo a oração como mensagem.

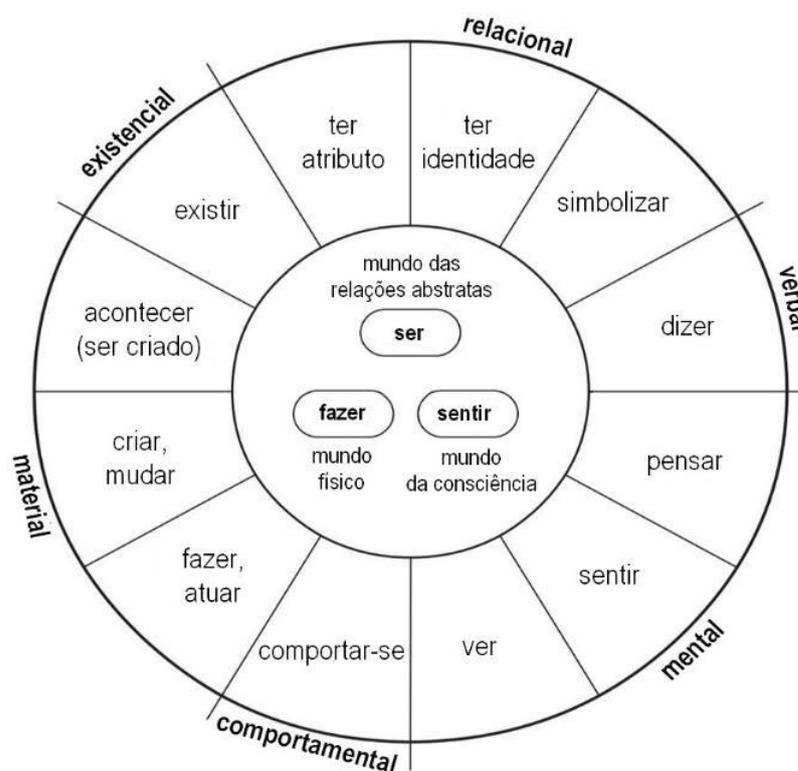
Mais a fundo da metafunção ideacional, é relevante salientar a concepção da oração como representação, uma vez que o sistema de transitividade é responsável por representar a experiência humana. Se, por um lado, na gramática tradicional, a transitividade diz respeito à relação de verbos com seus complementos, na Gramática Sistemico-Funcional, por outro lado, conforme Fuzer e Cabral (2010, p. 26), “é um sistema de descrição de toda a oração, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias”.

Como indicado, a transitividade é um sistema que relaciona três componentes de uma **figura**, a qual corresponde ao significado que se origina da relação entre eles. O **processo** é o elemento central e é realizado pelos grupos verbais, efetuando a descrição de experiências humanas. Os **participantes**, por sua vez, realizados pelos grupos nominais, compreendem os

seres (animados ou inanimados) que são responsáveis pelos processos e afetados por eles. Por último, a **circunstância** trata-se de informação adicional que descreve o contexto em que o processo se manifesta. Ela é costumeiramente representada por grupos adverbiais ou preposicionais, podendo aludir a tempo, a meio, a propósito etc.

No tocante ao elemento central do sistema de transitividade – o processo –, destacam-se três tipos: **materiais**, **mentais** e **relacionais**. No seu entorno, outros três, mais secundários, gravitam: **comportamentais**, **verbais** e **existenciais**. A Figura 3 ilustra os seis tipos de processos pelos quais as experiências humanas são representadas.

Figura 3 – Os seis processos



Fonte: (traduzido por Cabral, 2002, a partir de Halliday, 1994).

Vale frisar que, embora a categorização de processos aparentemente seja ponto pacífico, os significados são determinados pelo contexto, sendo que um mesmo processo pode apontar ora para uma, ora para outra caracterização. Por exemplo, na oração “Jonas **atacou** a bola” e “Jonas **atacou** a moral da comunidade”, o processo “atacar” pode representar, respectivamente, tanto um processo **material** quanto um processo **mental**, a depender do todo oracional e do sentido suscitado pelo contexto.

Nas orações materiais, realizadas por processos materiais, há uma ideia de mudança no fluxo de eventos, sendo que o termo **participante** pode corresponder a **Ator** e a **Meta**, como ocorre no exemplo 1.

1	(Nós)	Vamos estourar	um banco	na Penha
	Ator	processo <b>materi</b> al	Meta	Circunstância de espaço

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 9)

Em (1), *nós* é o **Ator**, uma vez que ele é o agente do processo *vamos estourar*, e *um banco* é a **Meta**, porque é o participante a ser atingido pelo processo. Já quando existe um participante que não é afetado pela ação em si, denomina-se **Escopo**, variando entre **Escopo-entidade** (quando sinaliza o domínio em que a mudança acontece) e **Escopo-processo** (quando constrói o processo). Também, os participantes dos processos materiais podem envolver um **Beneficiário** (como o próprio nome aponta, é quando o participante se beneficia de determinado processo) e **Atributo** (quando representa o estado/a qualidade resultante do processo). O excerto (2) é uma sentença que apresenta, além das **Metas**, os **Beneficiários** do processo *dar*.

2	(Eu)	dei	uma Magnum	pro Pereba	outra	Pro Zequinha
	Ator	processo <b>materi</b> al	Meta	Beneficiário	Meta	Beneficiário

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 9)

Os processos **mentais** representam a experiência humana interna e externa, cujos participantes são, respectivamente, o **Experienciador** e o **Fenômeno**. Os processos mentais podem ser cognitivos, emotivos, desiderativos e perceptivos. O exemplo (3) apresenta uma passagem do livro de Fonseca (2012) em que ocorre um processo cognitivo.

3	(Você)	Lembra	do Crispim?
	Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 8)

Os processos **relacionais** caracterizam a relação entre dois participantes, podendo esses processos serem **intensivos** (em 4), **possessivos** (em 5) ou **circunstanciais** (em 6). Os participantes dos processos relacionais podem envolver um **Portador** e um **Atributo** - oração relacional atributiva- ou uma **identidade** - oração relacional identificadora -, desta vez assumindo papéis de **Identificado** e **Identificador**.

4	A banheira	era	um buraco.
	Portador	processo <b>relacional atributivo</b>	Atributo

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 8)

5	(Eu)	Tenho	nojo dessas mulheres.
	Portador (Possuidor)	processo <b>relacional possessivo</b>	Atributo (Coisa Possuída)

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 12)

6	A velha	tava	no corredor.
	Identificado	processo <b>relacional circunstancial</b>	Identificador

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 10)

Os participantes das orações **verbais** (excerto 7), as quais representam a fala, são **Dizente** (o falante), **Verbiagem** (a mensagem), **Receptor** (o receptor da mensagem) e **Alvo** (quem é atingido pelo processo de dizer).

7	pra	(eu)	falar	a verdade
	Elemento textual	Dizente	processo <b>verbal</b>	Verbiagem

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 9)

A representação de comportamento humano - fisiológico e psicológico - é realizada pelos processos **comportamentais**. Neles, os participantes assumem a posição de **Comportante** e de **Comportamento**, a exemplo de (8).

8	(você)	Vai mijar	noutro lugar.
	Comportante	processo <b>comportamental</b>	Circunstância de lugar

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 8)

Por fim, as orações **existenciais** descrevem algo que acontece ou existe. O participante associado aos processos **existenciais** inclui o **Existente**, ou seja, a representação de determinado evento. Vale salientar que os processos como “haver” ou “existir” - os mais comuns às orações dessa categoria - não possuem sujeitos na gramática da tradição, mas apresentam o participante **Existente** (exemplo 9) em Linguística Sistemico-Funcional.

9	Tinha	na frente	um jardim grande.
	processo <b>existencial</b>	circunstância de lugar	Existente

Fonte: (FONSECA, 2012, p. 10).

Na seção a seguir, serão feitas considerações sobre a arte verbal, uma vez que, neste trabalho, será analisado um conto da literatura brasileira.

### 1.3 ARTE VERBAL

Hasan (1989), ao preconizar um elo entre arte verbal e linguagem, busca apresentar um ponto de partida que concilie a análise linguística para abarcar a natureza do texto literário. A autora descreve a literatura como sendo comum em relação aos demais tipos de texto, no sentido de que a linguagem é substancial quando se estuda a arte verbal. Dessa forma, ela propõe conceber a literatura não a partir de padrões isolados de linguagem (**da** literatura), mas sim do olhar para a linguagem **na** literatura. À vista disso, Hasan declara haver uma “necessidade urgente de desmistificar a noção de análise linguística no estudo da literatura” (HASAN, 1989, p. 92, tradução nossa<sup>1</sup>).

No que concerne à análise do texto que é objeto de estudo deste trabalho, cabe apontar o quadro de tensão social relativo ao período de Ditadura Militar (1964-1985) que assolou o país, pois envolve, certamente, o contexto de produção de um conto cuja principal temática é a da violência que impera no ambiente. Assim sendo, literatura, para Hasan (1989, p. 101), não é “[...] divorciada das preocupações da comunidade em que é criada<sup>2</sup>”, dado que tal campo de estudo não se restringe somente à estética ou a uma atividade individual, e sim, e principalmente, firma-se no contexto de situação no entorno de um texto.

O que propõe a autora é, como informado na Introdução desta pesquisa, um ponto de partida para se efetuar uma análise linguística em texto literário. Para tanto, ela argumenta que a linguagem é central no estudo da arte verbal, pois a literatura não pode ser caracterizada “por referência a padrões isolados de linguagem” (HASAN, 1989, p. 94). Ou seja, não deve ser reduzida ao uso de figuras de linguagem, tais como metáfora ou paralelismo, mas sim no funcionamento e no efeito que surtem para a construção do sentido.

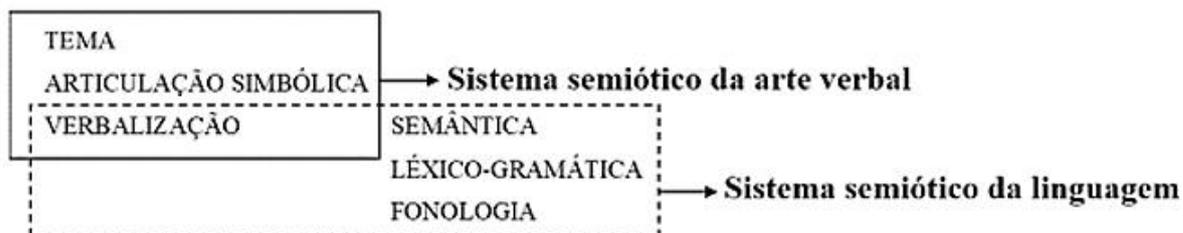
Além disso, Hasan (1989) afirma que, à mesma maneira que a linguagem, a arte verbal possui um sistema semiótico. A Figura 4 ilustra ambos.

---

<sup>1</sup>No original: “There is an urgent need to demystify the notion of linguistic analysis in the study of literature”.

<sup>2</sup>No original: “literature is not [...] divorced from the concerns of the community in which it is created”.

Figura 4 – Sistema semiótico da arte verbal



Fonte: traduzido de Hasan (1989, p. 99)

No sistema semiótico da arte verbal, estão Tema (nível mais alto), Verbalização, que é o conhecimento linguístico utilizado para compreender o texto literário e, por fim, no estrato de Articulação simbólica os significados são transformados em signos com um significado mais profundo. De acordo com a autora (1989, p. 98), há dois níveis de semiose: um que é produto do uso da linguagem natural, e outro que é o produto do sistema artístico por meio de contraste e repadronizações dos significados de primeira ordem. Em outras palavras, existem os significados de primeira ordem, mais literais, e os de segunda ordem, cujo significado encapsulam o primeiro e o ampliam.

Vale mencionar, ainda, que, segundo Hasan (1989), a função da arte verbal, na contramão de Jakobson (1960), não é puramente estética, mas também pragmática. Ou seja, os textos literários não são objetos dissociados e alheios a um propósito comunicativo; nessa visão, a autora, entrelaçando literatura, linguagem e comunidade, lembra que tal texto possui autonomia, entretanto, declara que “a literatura não é uma atividade automotivada [...]. Uma compreensão correta da natureza da linguagem, que é central para a arte verbal, proteger-se-ia dessa atitude” (HASAN, 1989, p. 101).

Logo, tanto a linguagem é preponderante para a expressão do indivíduo e para seu vínculo com a comunidade, que à literatura este significado social da linguagem não se excetua, posto que

sem a linguística, o estudo da literatura deve permanecer uma série de preferências pessoais, por mais que se adote a postura de objetividade: ser objetivo implica conhecer a natureza daquilo sobre o qual se está sendo objetivo. Uma compreensão da natureza da linguagem, de como o sistema funciona, é essencial e não é um subproduto natural de saber como usar a linguagem (HASAN, 1989, p. 104).

Por isso, a autora assevera que a leitura ideal de um objeto literário - como se pretende fazer no presente trabalho - possui a linguagem como imprescindível elemento. A seguir, será explorado o conceito de antilinguagem, termo cunhado por Michael Halliday, para melhor abarcar a questão da violência, que é o foco da análise.

#### 1.4 ANTILINGUAGEM

Há de se referenciar, em um primeiro momento, as contribuições de Torres (2012) no estudo de antilinguagem aliado à teoria sistêmico-funcional. O autor examina a obra<sup>3</sup> de Sacolinha, escritor de uma periferia de São Paulo. Ao lançar mão do conceito hallidayano e ao fazer uso da metafunção ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional, observa a mudança identitária da principal personagem do romance em questão, alegando que sua reconstrução passa pela antissociedade - que faz uso da antilinguagem. Adepto a um viés crítico<sup>4</sup> de pesquisa, o autor reconhece-se enquanto pesquisador-ativista diante da referida necessidade de maior visibilidade a autores e artistas da periferia.

Ao fazer menção ao conceito de antissociedade, Halliday (1982) aduz que esta é um modo de resistência, no qual a antilinguagem é gerada por ela. O autor sublinha que a antilinguagem não é paralela à antissociedade, portanto, “uma antilinguagem se depara com uma antissociedade em uma relação muito semelhante à de uma língua diante de uma sociedade” (HALLIDAY, 1982, p. 215).

Dos vários tipos de palavras “anti”, como antibiótico, anticorpo, antinovela, antimatéria e assim por diante, o tipo a ser entendido aqui é antissociedade. Uma antissociedade é uma sociedade que se estabelece dentro de outra como alternativa consciente a isso, é um modo de resistência, que pode assumir a forma de simbiose passiva ou hostilidade ativa e até destruição (HALLIDAY, 1982, p. 215).

O sistemicista avalia os estudos de Thomas Harman (1567)<sup>5</sup>, que se detém a entrevistar um grupo de criminosos renegados, à margem da Inglaterra elisabetana, os registros de

---

<sup>3</sup> Em “Graduado em marginalidade”, o protagonista perde sucessivamente pai, mãe e amigos para o crime e a corrupção policial. Ele se recusa a sucumbir ao rancor, até o momento ao qual uma passagem pela prisão desencadeia uma ira que põe fogo nessa trama intercalada por cenas laterais, que irrompem como flashes de um mundo conflagrado. Disponível em: <https://escritorsacolinha.com/produto/graduado-em-marginalidade-3a-edicao/>. Acesso em 08 nov. 2023.

<sup>4</sup> Torres (2012) sustenta o trabalho a partir da concepção de Linguística Aplicada Indisciplinar, recorrendo a Moita-Lopes (1998), a Pennycook (1998), a Kress (1998) e a Rajagopalan (2008) para tanto. Dessa forma, ele julga o pesquisador como um sujeito responsivo política, histórica e socialmente, o que é refletido em seu texto, no diálogo promovido entre a Linguística Aplicada e as Ciências Sociais (cf. Torres, 2012, p. 22-24) - aproximação feita entre o conceito de antissociedade, de Halliday (1982), e o conceito de *Lunpem-proletário*, de Marx (1999).

<sup>5</sup> HARMAN, T. *A Caveat or Warning for Common Cursitors, vulgarly called vagabonds*. 1567.

Bhaktiprasad Mallik (1978)<sup>6</sup> a respeito da antissociedade de Calcutá e o conceito de “segunda vida”, oriundo dos trabalhos de Adam Podgorécki (1973)<sup>7</sup> sobre a subcultura de reformatórios e prisões poloneses.

Dos primeiros registros de antilinguagem, o autor considera as informações desses documentos como fontes de interpretação limitada, posto que são, geralmente, exibidas em listas de palavras. Seguem alguns casos de antilinguagem, retirados do grupo da Inglaterra elisabetana entrevistado por Harman (1567)<sup>8</sup>. Todos foram usados no tratamento dos criminosos uns para com os outros.

- *Mort*<sup>9</sup>: sonso, burro, idiota, mingo;
- *Counterfeit crank*: pessoa que engana, charlatão, enganador, falso, fingido, farsante;
- *Upright man*: chefe (de coisas ilegais, de mendigos ou de vagabundos);
- *Rogue*: rebelde, vândalo, fora da lei, “barra pesada”;
- *Doxy*: vadia, puta.

Dentre as ocorrências de antilinguagem, as mais representativas consistem em mudar palavras antigas para novas (**linguagem relexicalizada**) e na **superlexicalização**. Esta pode ser ilustrada por meio dos registros de Mallik (1978), que encontrou 21 referências diferentes para “bomba” e 41 para “polícia”. Há, ainda, agora não em termos hallidayanos, a “metáfora lúdica”<sup>10</sup> (como em “bawdy basket”<sup>11</sup>). Além disso, Halliday (1982) atesta que não é sempre que o processo se dá por fissão ou separação de uma linguagem estabelecida, logo nem todas as palavras da linguagem têm seu equivalente em antilinguagem - **relexicalização parcial**.

Os casos mais comuns, como demonstrado com os exemplos, são aqueles usados para referir atos criminosos, classes de criminosos e vítimas, ferramentas do comércio, polícia, instituições penitenciárias etc. Note-se que o fio que une tais contextos são atividades da subcultura, radicalmente distantes da sociedade estabelecida. É impreterível, em contrapartida, haver o discernimento de que o mundo do crime não é a circunstância determinante da manifestação da antilinguagem, e sim o contexto em que ela é mais saliente. Robson (2016),

---

<sup>6</sup> MALLIK, B. P. *Language of the underworld of West Bengal*. [S.l.]: Sanskrit College, 1978

<sup>7</sup> PODGÓRECKI, A. *Knowledge and Opinion about Law*. Ed. C.M Campbell, W. G. Carson and P. N. P. Wiles, London, 1973.

<sup>8</sup> Thomas Harman foi um escritor inglês conhecido por seu trabalho em meados dos anos 1500, produzindo um dos primeiros registros que se tem sobre a antilinguagem. “De pé na porta de casa, oferecia comida e dinheiro aos mendigos que passavam em troca de nada mais do que palavras (ROBSON, 2016, tradução nossa). Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20160211-the-secret-anti-languages-youre-not-supposed-to-know>. Acesso em 19 nov. 2023.

<sup>9</sup> Agradecemos a Victor Milani pela tradução destes verbetes.

<sup>10</sup> Cf. Robson (2016).

<sup>11</sup> Alguém que vende itens sexuais; mulher que mente, engana, rouba (HALLIDAY, 1982, p. 216, tradução nossa).

por exemplo, expõe a elaborada antilinguagem do grupo de *Bangande* em um país da África Ocidental, o Mali:

Uma das formas mais elaboradas de antilinguagem pode ser encontrada num desfiladeiro remoto no Mali, 250 quilômetros a sul de Tombuctu. Vivendo em uma vila remota escavada na beira de um enorme penhasco, os Bangande (traduzido literalmente como “furtivos”) são supostamente descendentes de escravos fugitivos, o que pode tê-los levado a desenvolver um vocabulário clandestino que poderiam usar para enganar os transeuntes comerciantes. Às vezes, envolvia inverter o significado das palavras – uma árvore preta era descrita como sendo branca, por exemplo – um truque simples que confundiria aqueles que não sabiam (ROBSON, 2016).

Outro caso levantado pelo jornalista está inserido na Grã-Bretanha do início século XX, quando a homossexualidade era considerada ilegal (até 1967). Na tentativa de camuflar-se, a comunidade gay empregava a antilinguagem Polari<sup>12</sup>. Deste modo, “dar vada” a um “bom omi” seria o equivalente a “dar uma olhada em um homem bonito”, o que permitia a comunicação entre os usuários e resguardava sua segurança. Com a progressão da conquista dos direitos do grupo LGBTQIAPN+, a antilinguagem mencionada entrou em desuso<sup>13</sup>.

Robson (2016) conclui que as situações adversas que suscitaram essas antilinguagens revelam, sob uma perspectiva diacrônica, a resiliência que a expressão humana alcança, sobretudo pelo fato de que, “ao considerar a poesia inglesa, raramente pensamos nos ladrões, traficantes e prostitutas que ajudaram a formá-la [...] a linguagem pode atingir o seu nível mais rico e poderoso quando é levada à clandestinidade” ([www.bbc.com/future/article/20160211](http://www.bbc.com/future/article/20160211)).

Tanto com o objetivo cômico quanto com o pretexto de originalidade ou sigilo, as expressões de antilinguagem se afastam do modo experiencial e se aproximam do interpessoal (falante/interlocutor e estrutura social) e do textual (mensagem). As motivações apontadas por Halliday (1982, p. 217)<sup>14</sup> se justificam, primeiramente,

porque assume[m] a forma de competição verbal e ostentação, em que eles [falantes] procuram ansiosamente por substituições de todos os tipos; segundo porque a série de palavras que são denotativamente sinônimas são claramente distinguidas por seu

---

<sup>12</sup> Polari era um conjunto de gírias originadas de um período compreendido entre 1700 e 1800. A princípio, era utilizada por gays, membros de companhias de teatro, performers, marinheiros e ciganos, sendo que muitos dos termos utilizados na língua Polari reuniam elementos da linguagem criminosa, a língua cigana Romani e palavras italianas (cf. Robson, 2016). Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/polari-uma-alternativa-para-os-gays-na-inglaterra-preconceituosa-do-seculo-20.phtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

<sup>13</sup> Com algumas exceções, tal antilinguagem ainda é “homenageada”. A música “Girl Loves Me”, do último álbum de David Bowie, foi escrita como uma combinação de Polari e Nadsat, a antilinguagem fictícia de “A Clockwork Orange” (“Laranja Mecânica”), de Anthony Burgess (ROBSON, 2016).

<sup>14</sup> No original: “[...] porque adopta la forma de competencia y alarde verbales, en que se buscan afanosamente sustituciones de todo tipo; la segunda porque las series de palabras que denotativamente son sinónimas se distinguen con claridad por sus componentes de actitud. Los 24 sinónimos que Mallik da de “muchacha” incluyen toda la gama de connotaciones predecibles, dado que, como él señala, “el lenguaje del mundo de la delincuencia [con ciertas excepciones] es esencialmente un lenguaje de varones”.

componente de atitude. Os 24 sinônimos que Mallik<sup>15</sup> dá para “menina” incluem todas as gamas de conotações possíveis, dado que, como ele aponta, ‘a linguagem do mundo da delinquência (com certas exceções) é essencialmente uma linguagem masculina’.

A designação de antilinguagem é, justamente, a orientação da interligação entre o significado textual e interpessoal com o significado experiencial do discurso (HALLIDAY, 1982). Para o intelectual britânico, as línguas, palavras e sons são carregados de valor social, e ainda mais evidentemente quando se trata de antilinguagem. É “um exemplo do que Bernstein chama de “orientação de codificação sociolinguística”, a tendência de associar certos modos de significado a certos contextos sociais” (HALLIDAY, 1982, p. 217).

Lançando mão das contribuições de Mallik, que conversou com um grande número de criminosos e elementos antissociais, Halliday relata que, de 385 respostas, a maioria julgou a antilinguagem como “necessidade de sigilo”, seguida pela “força comunicativa ou arte verbal”. Ao se questionar sobre a origem do fenômeno de antilinguagem, além da não revelação de uma linguagem “secreta” para a polícia e do sigilo, o linguista arrisca dizer que não pode ser a principal causa de sua origem, visto que o sigilo é uma “característica do jargão, e não um determinante da linguagem (HALLIDAY, 1982, p. 218).

No tocante ao fenômeno de “segunda vida”<sup>16</sup>, Halliday (1982), após negar a necessidade de sigilo como uma condição definidora de antilinguagem, comenta os estudos de Podgórecki<sup>17</sup> (1973), versando sobre o fato de que os criminosos poloneses que participaram da pesquisa podiam ser rebaixados na hierarquia social do grupo. Para isso, o ato condenável correspondia a “quebrar as regras das habilidades verbais” (lê-se, talvez, como um não atendimento adequado da antilinguagem de “grypserka”) e a revelar a linguagem à polícia. Este rebaixamento hierárquico representa um indivíduo que passa a ser tachado de “lambiscón”<sup>18</sup>, havendo a divisão entre pessoas e “lambiscones”.

---

<sup>15</sup>Bhakti Prasad Mallik (1922-2010) investigou as “línguas do submundo”, cujas obras foram escritas tanto em inglês quanto em bengali. Disponível em: <https://www.calcuttayellowpages.com/adver/108746.html>. Acesso em 01 nov. 2023.

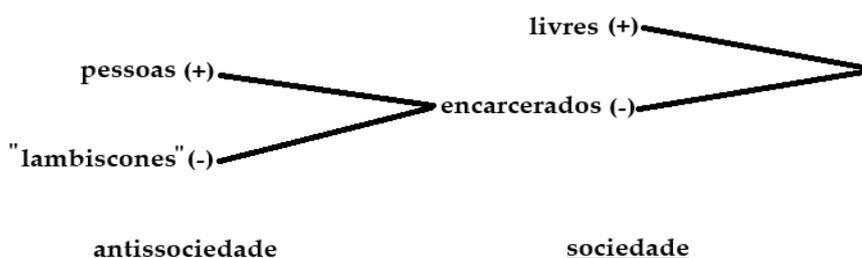
<sup>16</sup> Nas palavras de Halliday (1982, p. 215), é “o termo usado por Podgórecki (1973) para descrever a subcultura das prisões e reformatórios poloneses, [...] acompanhada por uma elaborada antilinguagem chamada de “grypserka”.

<sup>17</sup>Adam Podgórecki (1925-1998) foi um renomado sociólogo, advogado e professor acadêmico polonês. Dedicou-se aos estudos científicos sociais do Direito, sendo considerado um dos pioneiros da Sociologia do Direito após a Segunda Grande Guerra. Publicou trabalhos em língua inglesa e polonesa. Disponível em: <https://halecki.org/professor-adam-podgorecki>. Acesso em 17 nov. 2023.

<sup>18</sup> Em inglês, “sucker”. Seria o equivalente a “bajulador”, “puxa-saco”, “frouxo”, “amador” (HALLIDAY, 1982, p. 218, tradução de Victor Milani).

De maneira a tornar mais visível a forma hierárquica do grupo de prisioneiros (antissociedade) e compará-la à sociedade, Halliday desenha o esquema que está apresentado na Figura 5.

Figura 5 - A hierarquia do grupo estudado por Podgórecki



Fonte: traduzido de Halliday (1982, p. 220)

O que pode ser observado na Figura 5 é aquilo que Halliday (1982, p. 220) alega como a função da “segunda vida”: fornecer os meios para manter a identidade<sup>19</sup> que está ameaçada de destruição. De outro modo, a fundo desta “segunda vida”, consumada na antissociedade, há os indivíduos que encabeçam a hierarquia e os que estão na base, conhecidos como **bajuladores** (“lambiscones”, “suckers”). Caso não façam uso da antilinguagem na realidade alternativa da “segunda vida”, são rebaixados e passam a não ser considerados “gente” (HALLIDAY, 1982, p. 219) nas dependências daquelas prisões polonesas:

Eram 2 tipos de “gente” e 3 tipos de “lambiscones”, com um certo grau de mobilidade entre eles, embora qualquer pessoa que já tenha alcançado a categoria mais alta ou a categoria mais baixa tenha permanecido nela. Havia alguns outros variáveis, baseadas em idade, origem (urbana/rural), tipo de crime e posição na prisão (primeira admissão/reincidente) e o lugar de um indivíduo na estrutura social da prisão era uma função de sua posição em cada uma dessas hierarquias (HALLIDAY, 1982, p. 219).

Já para os membros da sociedade, pode-se dizer que existem as “pessoas livres”, as quais legalmente não infringiram a lei e que são bem vistas socialmente, ao passo que os encarcerados cometeram algum delito e receberam sua punição. Do ponto de vista social, estes, comparativamente, estariam um degrau abaixo na hierarquia.

Depreende-se, nesse raciocínio, que para Halliday (1982, p. 218) a antilinguagem supracitada não é um “extra”, uma espécie de adorno, mas sim “um elemento fundamental na

---

<sup>19</sup> Isso vai de encontro com a investigação de Torres (2012) sobredita no início da seção 2.4, já que se dedicou a verificar a mudança de identidade do protagonista, que integra a antissociedade.

existência do fenômeno da ‘segunda vida’. O linguista britânico atesta, então, que a antilinguagem não se trata de um passatempo, mas da representação de outra estrutura social, uma **realidade social alternativa**. Esta, por sua vez, decorre do fato de que

[n]um mundo em que não existem coisas reais, o ser humano é reduzido à condição de coisa. O estabelecimento de um mundo oposto (no qual a redução dos outros às coisas é uma fonte de gratificação ao transformar uma situação punitiva em uma compensatória) também pode ser interpretado como uma tentativa desesperada de resgatar e reintegrar o eu diante da pressão cumulativa que ameaça desintegrá-lo. Assim, a "segunda vida" pode ser interpretada como uma defesa e como um meio de reconstrução, à qual o ego recorre precisamente antes da perturbação total devido à parte das forças opressivas que se fortalecem mutuamente (PODGÓRECKI, 1973, p. 24, tradução nossa).

Em outras palavras, a antilinguagem da “segunda vida”, a *grypserka*, não diferente da linguagem, é um sistema que atua como gerador de realidade; neste caso atua como mantenedor da realidade alternativa. A respeito das condições que propiciam a antilinguagem, Halliday (1982, p. 224, grifos nossos) demarca que a “**antilinguagem** surge quando a realidade alternativa é uma contrarrealidade, constituída em oposição a alguma norma estabelecida [...]; o que é significativo não é a distância entre elas [realidade e contrarrealidade], mas sim **a tensão entre elas**”.

Finalmente, aproximando-se da conceituação da antilinguagem, alega que esta é

o meio de realizar uma realidade subjetiva: ela não apenas a expressa, mas a cria e mantém ativamente. Nesse aspecto, é apenas outra linguagem, mas a realidade é uma contrarrealidade, que tem certas implicações especiais. Implica o destaque da estrutura e hierarquia social; implica uma certa preocupação com a definição e defesa da identidade através do funcionamento ritual da hierarquia social; implica uma concepção especial de informação e conhecimento (é aí que entra o segredo: a linguagem é secreta porque a realidade é secreta. Mais uma vez, há uma contrapartida no comportamento verbal do indivíduo, nas técnicas de regulação da informação, praticada por indivíduos que têm algo a esconder, algo que não querem que seja revelado (HALLIDAY, 1982, p. 225).

Sendo o homem um ser histórico e social, será ele produtor da sua linguagem de acordo com a cultura e a sua relação com os participantes da interação (BARBARA; MACÊDO, 2009). De acordo com Torres (2012), a antissociedade baseia sua comunicação em códigos que só podem ser entendidos pelos membros que partilham da antilinguagem. Além disso, ela pode surgir como uma tentativa de desafiar e subverter a linguagem convencional.

No caso de “Feliz ano novo”, a forma com que Pereba, Zequinha e o Narrador-Personagem<sup>20</sup> interagem, além de fugir do padrão convencional, reduz drasticamente a chance de compreensão de outrem que não esteja dentro do contexto comunicativo. Vale ressaltar que a antilinguagem (HALLIDAY, 1982) não é um descuido ou uma inabilidade quanto à norma, mas sim uma manifestação intencional e consciente que envolve os aspectos sociais, culturais e políticos do ambiente em que interagem.

Pertinente faz-se observar quando Halliday declara que a antilinguagem não está ligada ao “processo de construção e sim de reconstrução da vida” (HALLIDAY, 1982, p. 221). Isto é, as relações entre as personagens de “Feliz ano novo” são ressignificadas, isso porque são produto de uma contracultura, perpassada pelo quadro decadente do cenário onde vivem e pela exclusão social.

Resumir, então, antilinguagem a gírias ou jargões seria restringir seu uso à arbitrariedade e ignorar que suas motivações advêm de uma sociedade alternativa, em conflito com a realidade padrão. Não à toa, Halliday (1982) traz à tona os casos mais lexicalmente extremos e representativos de antilinguagem, ou seja, os que envolvem membros de contraculturas criminosas. Deve-se pontuar que os grupos focalizados pelo sistemicista, tais como o que está inserido no *corpus* da presente pesquisa, não são simplesmente grupos contraventores que se comunicam por meio de vocabulário chulo ou informal, mas sim membros de uma antissociedade, que descrevem as experiências - pela antilinguagem - à sua maneira.

## 1.5 A VIOLÊNCIA IRREPRIMÍVEL EM FONSECA

Natural de Juiz de Fora (MG), José Rubem Fonseca (1925-2020)<sup>21</sup> foi um importante romancista e contista brasileiro, inclusive o maior contista do país (GONZAGA, 1989, p. 256) em termos de extensão da obra. Formou-se em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhou como comissário em São Cristóvão, em 1952. Foi casado com Théa Maud e, juntos, tiveram três filhos. Fonseca venceu o Prêmio Camões em 2003 e o prêmio Jabuti em cinco oportunidades, 1970, 1984, 1993, 1996 e 2003. Um de seus maiores sucessos e objeto de estudo deste trabalho, a obra “Feliz ano novo” (1975) chegou a ser censurada pelo

---

<sup>20</sup> Personagens do conto “Feliz Ano Novo”, sendo que a voz narrativa é em 1ª pessoa, representando uma personagem que não é nomeada.

<sup>21</sup> Informações sobre a vida do autor retiradas de <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/rubem-fonseca.html>. Acesso em 10 out. 2023.

regime militar, sendo liberada em 1985, mas reeditada somente quatro anos mais tarde, após o mineiro ganhar ação na Justiça.

A predominância temática da atividade literária de Fonseca se dá em torno da violência, da degradação, da miséria, geralmente, de personagens *bas fond*, ou seja, consideradas marginais, inferiores. Conforme Dalcastagnè (2011, p. 44), o escritor mineiro se notabilizou por retratar “bandidos miseráveis”; a autora ainda acusa as distinções na simbolização do tratamento dado ao “bandido bom” (em “Passeio noturno I”<sup>22</sup>) e ao “bandido ruim” (em “Feliz ano novo”): ao passo que o primeiro, respectivamente, é encarado com *glamourização* e sofisticação, o segundo é visto de maneira depreciativa, como um vilão legítimo “que cospe um vocabulário próprio e exhibe fuzis sem disfarces, [e que] está muito mais próximo dos noticiários policiais” (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 45).

Em uma espécie de autorreferência inserida no conto “Intestino grosso”<sup>23</sup>, no diálogo presente entre as personagens Autor e Editor, é sugerida e ironizada a tendência de Fonseca explorar, tipicamente, personagens do submundo: “Já ouvi acusarem você [Autor] de escritor pornográfico. Você é?” “Sou, os meus livros estão cheios de miseráveis sem dentes” (FONSECA, 2012, p. 71).

Além disso, Dalcastagnè (2011) chega a denominar um cinismo na forma como Rubem Fonseca representa suas personagens, uma vez que

Fonseca apresenta a inveja como manifestação central da autoconsciência dos marginalizados. Evidencia-se aqui o que chamo de “cinismo” de Fonseca em sua representação do outro. O que é considerado normal para a classe média, é apresentado como patológico no pobre: a vontade de possuir (DALGASTAGNÈ, 2011, p. 47).

O conto a que pertence a materialidade enfocada na presente pesquisa teve seu “boom” nas últimas décadas do século XX, atendendo a uma demanda que é paralela à industrialização e ao desenvolvimento demográfico e urbano do Brasil. Conforme Schollhammer (2009, p. 22),

[e]m cinquenta anos, o Brasil deixou de ser um país rural para se tornar um país que, apesar de sua extensão, concentra quase 80% da população em áreas urbanas e nas grandes cidades. Vista assim, a década de 1960 marca o início de uma prosa urbana arraigada na realidade social das grandes cidades e que, durante a década de 1970, encontra sua opção criativa no conto curto. Os anos 70 se impõem sobre os escritores com a demanda de encontrar uma expressão estética que pudesse responder à situação política e social do regime autoritário. É esta responsabilidade social que se

---

<sup>22</sup> FONSECA, R. Passeio noturno (parte I). In: **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 29-30.

<sup>23</sup> Nele, autor realiza provocações ao mercado editorial e à literatura de caráter didático. A personagem Autor “vende” a sua entrevista por palavras, podendo-se identificar um tom ácido e irônico de Rubem Fonseca, principalmente no que concerne à instituição literária.

transforma numa procura de inovação da linguagem e de alternativas estilísticas às formas do realismo histórico.

Em outras palavras, preocupações sociais ensejam o processo criativo de boa parte dos escritores da época referida, afastando-se da “literatura mágico-realista” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 23) da corrente latino-americana e engajando-se em um movimento que revisita os problemas estilísticos já abordados por autores da década de 1930, como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Problemas esses que, para Schollhammer (2009), não foram resolvidos pelo realismo social.

Em “Feliz ano novo” (1975), três indivíduos, que vivem em um prédio abandonado na periferia do Rio de Janeiro, planejam assaltar um banco. Como é véspera de ano novo, decidem abortar o assalto e optam por invadir uma residência de pessoas abastadas, na qual furtam joias, cometem homicídios e estupram mulheres. No desfecho, usufruem do banquete dos moradores e desejam que o ano seguinte seja melhor que aquele – razão do título do conto.

Sabe-se que situações de vulnerabilidade material acometem indivíduos de tal maneira que estes tendem a adotar estratégias drásticas. Sendo o Brasil um dos países mais desiguais do mundo<sup>24</sup>, de acordo com o coeficiente Gini<sup>25</sup>, é relevante ponderar que a discrepância na concentração de renda e a sujeição de uma parcela da população ao abandono pelo Estado formam obstáculos. Estes, por sua vez, impõem decisões por parte da população marginalizada, a qual fatalmente considerará a violência como meio para subsistir. Em outras palavras, o estado de pobreza, fruto do desprovimento do acesso a direitos básicos e ao bem-estar social, pode condenar o cidadão a um modo de vida subumano e indigno, restando somente o crime como maneira de sobreviver.

Conhecido por sua escrita crua, realista e muitas vezes controversa, Rubem Fonseca expõe um grupo de indivíduos assolados pela falta de condições mínimas de sobrevivência. Lançando mão de escrita incisiva e polêmica, ilustra uma realidade violenta que, muitas vezes, é ignorada e banalizada. Candido (1989, p. 211) interpreta a linguagem do autor como parte de um “realismo feroz”. Nesse sentido, o crítico sugere, ainda, que tal forma de narrar faz parte de uma tendência moderna de quebrar paradigmas estéticos para alcançar um leitor específico, aquele que está imerso em um período de intensa transformação e rápida industrialização.

---

<sup>24</sup>DIÁRIO DO ESTADO. Os 10 países mais desiguais do mundo. Disponível em: <https://diariodoestadogo.com.br/os-10-paises-mais-desiguais-do-mundo-78146/>. Acesso em 28 jun. 2023.

<sup>25</sup> O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2048:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28). Acesso em 05 nov. 2023.

Ainda de acordo com o mesmo autor, Fonseca insere-se em um chamado “ultrarrealismo sem preconceitos” (CANDIDO, 1989, p. 210), pelo qual, em primeira pessoa, “agride o leitor pela violência”, seja em relação à questão temática, seja em relação aos recursos técnicos propriamente ditos. Assim, o grupo de marginais de “Feliz ano novo”, munido da antilinguagem e sem perspectivas de ascensão social, opera a violência em uma “espécie de notícia crua da vida” (CANDIDO, 1989, p. 210). À mesma linha de raciocínio deste último se aproxima Schollhammer, endossando a crueza do mineiro e realçando o fato de que ele cria um estilo

quase pornográfico, na sua impiedosa exposição de todas as feridas da mente humana. Seus textos nunca se restringem ao aspecto social e conseguem aprofundar os paradoxos da existência humana, provocando a aparição das origens do mal que os perturba (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 57).

Refletindo acerca das considerações de Candido (1989) e da tendência pós-moderna a tratar o conto como principal forma literária, faz-se oportuno mencionar a discussão que propõe Cerqueira (2009). Tal pesquisador toma “Feliz ano novo” como objeto para ilustrar e vislumbrar as preocupações de Candido no que tange à representação da violência como lugar-comum discursivo na produção literária na contemporaneidade. Isso dito, Cerqueira (2009, p. 20) pondera que “o olhar deste tempo-hoje preferirá, na literatura ficcional brasileira do pós-64, o desencanto com a grandiosidade, a desvalorização do heroísmo e a maior preocupação com a semelhança com o real”. Assim, o enfoque dado às grandes cidades, recorrente na bibliografia de Rubem Fonseca, é intrinsecamente paralela à simbolização da violência nas metrópoles.

Ademais, cirúrgico é o olhar de Cerqueira (2009) ao aludir que em “Feliz ano novo” a tensão entre classes, além de ser flagrante, é demonstrada estrategicamente a partir da violência. Isso porque a forma encontrada por Fonseca para reunir pobres e ricos durante a festividade é, justamente, efetivada por meio da violência, explícita e gritante. Para Cerqueira (2009, p. 22), “a inovação narrativa está na validação da violência sem aviso prévio. Ao não se justificar, o ato violento é mais contundente. No caso de “Feliz ano novo” é meio de expressão e participação da marginalidade numa festa restrita aos ricos”.

Por outro lado, o pesquisador ainda cita a mudança de paradigma do narrador pós-moderno<sup>26</sup>, agora dando voz para personagens comuns (iguais a nós, em termos aristotélicos<sup>27</sup>). Além disso, esta mudança, em adição à opção estilística de assemelhar o discurso escrito à linguagem oral, gera a aglutinação entre cultura de massa (leitor) e alta cultura

---

<sup>26</sup> O narrador não mais conta as ações e descreve os pensamentos das personagens, de modo onisciente e em 3ª pessoa, mas sim assume a 1ª pessoa, aproximando-se da personagem.

<sup>27</sup> Cf. Aristóteles, Horácio e Longino (2005).

(escritor/literário), em razão de que concede espaço à “voz do cidadão marginalizado, e não mais [ao] possuidor da alta cultura [...] a sociedade exibirá suas fissuras, falhas que ganham maior dimensão se expostas pelos que por elas são mais atingidos” (CERQUEIRA, 2009, p. 22).

Segundo Arendt (1973), o agir é uma resposta humana ao nascimento. Nesse sentido, se todos provêm do nascimento e estão aptos a iniciar algo novo, quando algo restringe ou impede tal acontecimento – esse “realizar algo novo” (SABINO, 2018, p. 232) -, a violência surge como uma resposta humana a este impeditivo. Assim sendo, é nítido que Pereba, Zequinha e o Narrador-Personagem veem estremecer a estrutura social e as perspectivas de mudança de paradigma, integrando, dessa forma, uma antissociedade e reagindo à fragilidade, como pontuou Gonzaga (1989, p. 256), em uma “espécie de guerra civil não declarada entre pobres e ricos”.

A Ditadura Militar, um dos momentos mais sombrios da história do Brasil, marcou um período de impacto pelo regime autoritário, pela censura e pela repressão política. A obra na qual o conto está presente foi censurada pelo Departamento de Polícia Federal, sob justificativa de “exteriorizar matéria contrária à moral e aos bons costumes”<sup>28</sup>. Certamente, parte dessa justificativa se dá pela antilinguagem das personagens e pela crueza com que são retratadas as consequências da sua pobreza e alienação. Para Nóbrega (2020, p. 10), as motivações delas “aludem aos efeitos da industrialização desenfreada, da massificação e do consumismo que grassavam na sociedade brasileira a partir dos anos 1960”. Através da ironia e da violência explícita, Fonseca escancara um período de inescapável brutalidade, capitaneada por uma política de extermínio dos opositores do governo.

Na próxima seção, serão contemplados os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Com vistas a subsidiar a análise léxico-gramatical do conto “Feliz ano novo” (FONSECA, 2012), realizou-se uma investigação de cunho qualitativo interpretativista. Ao contrário da pesquisa quantitativa, a qualitativa interpretativista corresponde a práticas que permitem examinar dados e informações e atribuir significado a eles. Como definiram Denzin e Lincoln (2018, p. 43, tradução nossa), a pesquisa qualitativa é “um conjunto de práticas

---

<sup>28</sup>C.f. Garlet (2015, p. 65).

interpretativas e materiais que tornam o mundo visível”. Esta abordagem de pesquisa, portanto, demanda a atuação do investigador para a melhor compreensão possível, natural e interpretativamente, de seu objeto. À vista disso, na pesquisa qualitativa, “os investigadores qualitativos estudam as coisas nos seus ambientes naturais, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem” (DENZIN; LINCOLN, 2018, p. 43).

Como já sinalizado, o objeto de análise é um texto literário, cuja apreensão de significado, para Hasan (1989), só pode se efetivar ao compreender sua linguagem. Esta, por sua vez, consiste na relação entre significados, palavras e sons. É nesse sentido que o trabalho se enquadra como uma pesquisa qualitativa, posto que se busca analisar o *corpus* observando-se a representação da violência presente em sua linguagem; logo, intenta-se recorrer à pesquisa qualitativa para imprimir “sensibilidade aos padrões léxico-gramaticais [e entendê-los] como o criador do potencial de significado da língua [linguagem] em questão” (HASAN, 1989, p. 97).

Para se desenvolver a análise do conto “Feliz ano novo” (FONSECA, 2012), foi empregado o aparato metodológico do sistema de transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), visando apontar processos, participantes e circunstâncias e observar como a violência verbal é representada no *corpus*. O trabalho ainda foi orientado pelo conceito de Halliday (1982), visto que as personagens do conto, em situação de vulnerabilidade, operam a antilinguagem e convivem em uma contrarrealidade.

Com a finalidade de verificar e categorizar a violência retratada no texto fonsequiano, foram reconhecidas, primeiramente, as ocorrências de antilinguagem, entendendo que isso potencializaria o cumprimento dos objetivos perseguidos por meio da análise. Depois, cada ocorrência foi classificada conforme sua natureza. Ainda, foi estabelecida a execução da análise léxico-gramatical de forma manual.

Os passos seguidos durante a investigação foram:

- i) identificação, a partir de análise manual, das ocorrências de itens léxico-gramaticais indicadores de antilinguagem (HALLIDAY, 1982);
- ii) distribuição das ocorrências de antilinguagem empregadas por cada uma das personagens presentes no conto;
- iii) utilização do sistema de transitividade para categorizar os processos, os participantes e as circunstâncias indicadoras de violência nas parcelas selecionadas;

iv) delineamento da natureza da antilinguagem empregada por Pereba, Zequinha e o narrador<sup>29</sup>, personagens de “Feliz ano novo” (FONSECA, 2012).

Por fim, buscou-se interpretar os resultados obtidos a partir da representação da violência, fruto da miséria das personagens presentes na antissociedade do conto fonsequiano.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram identificadas, inicialmente, todas as ocorrências de antilinguagem empregadas no conto Feliz Ano Novo (FONSECA, 2012) referentes a Pereba, Zequinha e Narrador-Personagem. A partir desses resultados, categorizaram-se os processos empregados por cada uma das personagens, o que está descrito no Quadro 2.

Quadro 2 - Emprego do sistema de transitividade para categorização dos processos existentes nas parcelas de antilinguagem filtradas

<b>Processos</b>	<b>Pereba</b>	<b>Zequinha</b>	<b>Narrador</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Materiais	7	8	25	<b>40</b>
Mentais	-	2	8	<b>10</b>
Relacionais	1	6	10	<b>17</b>
Verbais	-	-	-	-
Comportamentais	-	-	11	<b>11</b>
Existenciais	1	-	-	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>16</b>	<b>54</b>	<b>79</b>

Fonte: elaborado pelo autor.

Dentre os processos mais comuns, destacaram-se os materiais e os relacionais. Infere-se que a repetição do primeiro ocorre porque a conduta permanente das personagens é a de alterar a realidade em que estão inseridos. Além de comporem uma realidade social alternativa (HALLIDAY, 1982), dado que transgridem a lei para que consigam se alimentar, as personagens agem para transformar a contrarrealidade vivida. É o que o Narrador-Personagem exclama em (10) e o que Zequinha anuncia em (11), revelando o desejo de atingir um policial

---

<sup>29</sup>Cabe lembrar que o Narrador-Personagem, que orquestra o assalto, permanece inominado do início ao desfecho do conto.

com a espingarda e, novamente, acentuando a violência como uma seqüela da condição miserável, tal como atestou Arendt (1973)<sup>30</sup>.

10	(Eu)	[queria] <u>sair</u>	da merda em que estava metido!
	Ator	Processo <b>material transformativo</b>	Circunstância de lugar

(FONSECA, 2012, p. 8)

11	(Eu)	Ainda	dou	um tiro	com esta belezinha
	Ator	Circunstância de tempo	Processo <b>material transformativo</b>	Escopo-processo	Circunstância de meio

(FONSECA, 2012, p. 9)

Por outro lado, a sobreposição dos processos relacionais nos fragmentos de antilinguagem ocorre devido, justamente, à referenciação da necessidade de reviravolta frente à situação decadente de Pereba, Zequinha e Narrador-Personagem. O que se verifica em (12) é a constatação de Zequinha da precariedade do lugar onde eles viviam, usando o processo relacional “está” para denotar a estrutura abalada do local. Já em (13) o Narrador, no momento em que são mantidos como reféns os donos da casa invadida, é inflamado pela aparente benevolência de um dos homens, insinuando que este estaria oferecendo comes e bebes apenas porque não lhes faria falta. Nesta ocasião, mais uma vez, a tensão entre classes é escancarada em uma “guerra civil não declarada entre pobres e ricos”, retomando<sup>31</sup> o que postulou Gonzaga (1989).

12	Este edifício	está	mesmo	fudido
	Portador	Processo <b>relacional circunstancial</b>	Circunstância de grau	Atributo

(FONSECA, 2012, p. 12)

13	Tudo aquilo	para eles	era	migalha
	Portador	Circunstância de tempo	Processo <b>relacional atributivo</b>	Atributo

(FONSECA, 2012, p. 11)

<sup>30</sup> Vide seção 2.4.

<sup>31</sup> Pensamento de Gonzaga (1989), ilustrado em (12), já foi mencionado e discutido no final da seção 2.4.

No que se refere aos processos mais recorrentes atrelados às personagens (conforme Quadro 2) de “Feliz ano novo”, pode-se depreender que Pereba, com somente 9 ocorrências de processos nas parcelas de antilinguagem analisadas, é o mais afetado pela falta de condições mínimas de sobrevivência, como se verifica em “Ele falava devagar, gozador, cansado, doente” (FONSECA, 2012, p. 8). Inclusive, ele é constantemente ridicularizado por Zequinha e pelo Narrador-Personagem por conta de sua aparência física, daí seu apelido: “Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você?” (FONSECA, 2012, p. 8). Sendo diminuído por seu aspecto físico, Pereba é incentivado a masturbar-se, visto que, para seus colegas, o pretendente não estaria à altura das “madames granfas” a quem se referiam. O mais presente entre as ações de Pereba - também chamado de Gonçalves<sup>32</sup>, em frente aos moradores do local assaltado - é o processo material, normalmente revelando os perigos da força policial ao seu grupo, participando do assalto, como em (14), ou demonstrando seus desejos carnis, como em (15), em que as mulheres, inclusive, são objetificadas.

14	(Eu)	Tive que botar	respeito
	Ator	processo <b>material transformativo</b>	Meta

(FONSECA, 2012, p. 10)

15	(Tu)	Não	vais comer	uma bacana destas?
	Ator	Marcador de polaridade negativa	processo <b>material transformativo</b>	Meta

(FONSECA, 2012, p. 12).

Além disso, a ausência de processos mentais referentes a Pereba podem apontar a incapacidade de a personagem articular suas emoções. A carência de processos comportamentais, da mesma forma, resume mais do que a baixa participação de Pereba no enredo, pois traduz seu comportamento passivo e quase inexistente no que diz respeito à sua expressividade. Embora haja respeito entre os três, é explícito o papel de liderança que pertence ao Narrador-Personagem, restando aos demais acatar os pedidos desse: “Gonçalves [Pereba], vai lá em cima com a gordinha e traz a mãe dela” (FONSECA, 2012, p. 10).

A respeito de Zequinha, mais ativo em relação a Pereba, a manifestação dos processos materiais e relacionais se sobressaem sobre os outros. Isso porque Inocência (seu nome

---

<sup>32</sup> Vale ressaltar aqui que, quando a antissociedade dos três personagens entra em choque com a alta sociedade, os codinomes são substituídos pelos sobrenomes, visto que a intenção é ocultar os apelidos, que poderão ser facilmente reconhecidos pela polícia.

verdadeiro) assume destaque na narrativa ao falar sobre relações sexuais, como em (16), e ao se envolver na arquitetura do crime, vista a fome que passavam, como em (17).

16	As mulheres aqui do conjunto	não	estão	mais	dando?
	Identificador	Marcador de polaridade negativa	Processo...	Circunstância de tempo	...material

(FONSECA, 2012, p. 8)

17	A maré	também	não	tá	boa	pro meu lado
	Portador	Circunstância de acompanhamento aditivo	Marcador de polaridade negativa	Processo <b>relacional atributivo</b>	Atributo	Circunstância de ponto de vista

(FONSECA, 2012, p. 9)

O Narrador-Personagem assume protagonismo em termos narrativos e em termos de expressão de emoções e pensamentos, fazendo uso frequente de antilinguagem. Caracterizado por personalidade mais impetuosa e efusiva, o Narrador-Personagem é quem está à frente na hierarquia da antissociedade retratada, em função de seu nível de instrução: “Tenho ginásio, sei ler escrever a fazer raiz quadrada” (FONSECA, 2012, p. 8). Assim, considerando que a incidência de processos é equilibrada em se tratando de todos os tipos, deve-se destacar não só o mais relevante, mas também aquele que destoa em relação às outras personagens - apenas o Narrador-personagem **se comporta**.

No caso das orações materiais, a ocorrência predominante diz respeito à organização do assalto por parte do grupo. Como referido, o Narrador é responsável por conduzir majoritariamente todas as ações, desde a obtenção dos armamentos com auxílio de Lambreta<sup>33</sup> até a mudança de planos. Isto é, ao passo que inicialmente pretendiam assaltar um banco localizado no bairro da Penha, após constatar a fome que perturbava os indivíduos, é o Narrador-Personagem que toma a iniciativa para que o assalto à festa da classe alta seja priorizado: “Zequinha chupou ar, fingindo que tinha coisas entre os dentes. Acho que ele também estava com fome” (FONSECA, 2012, p. 10). Ao se aperceber da situação, ele começa a distribuir os instrumentos que seriam utilizados, como ocorre em (18).

---

<sup>33</sup> Lambreta é quem fornece as armas para o grupo.

18	(Eu)	Coloquei	a lata de goiabada	numa saca de feira
	Ator	Processo <b>material transformativo</b>	Meta	Circunstância de lugar

(FONSECA, 2012, p. 10)

De outro modo, os processos comportamentais desempenhados por essa personagem vão ao encontro do domínio constante das diversas ações presentes no conto, colocando-o como agente central da narrativa. Por exemplo, em (19), a voz narrativa, ao relatar os ganhos de um assalto a um supermercado e ao escandalizar o quarto do abastado morador, em (20), exerce sua posição de líder do grupo e de representante da antissociedade fONSEQUIANA.

19	(Nós)	Passamos	um tempão	em São Paulo	bebendo
	Ator e Comportante	Processo material criativo	Meta	Circunstância de lugar	Processo <b>comportamental</b>

(FONSECA, 2012, p. 8)

20	(Eu)	Caguei	em cima da colcha
	Comportante	Processo comportamental	Circunstância de lugar

(FONSECA, 2012, p. 11)

É válido traçar um panorama que revele a incidência da antilinguagem como produto da antissociedade de “Feliz ano novo”, cuja violência e miséria fazem parte da contrarrealidade vivida pelas personagens. O Quadro 3, conforme mencionado, reúne o cômputo total de ocorrências de antilinguagem, um comparativo entre as personagens que mais as aplicam (dentre as três abordadas) e entre os tipos de antilinguagem mais e menos proeminentes. A análise realizada permitiu categorizar as ocorrências dessa antilinguagem em 4 grupos: (1) psicológica/mental - AP; (2) carnal/sexual - AC; (3) física/mental - AF e (4) escatológica - AE. O Quadro 3 apresenta o cômputo das ocorrências de antilinguagem de acordo com cada uma das personagens.

Quadro 3 - Cômputo das ocorrências da linguagem da antissociedade fONSEQUIANA

Uso por personagens	Usos por tipo de antilinguagem
Narrador-Personagem: 40	(AP) Psicológica/mental: 20
Zequinha: 20	(AC) Carnal/sexual: 16
Pereba: 9	(AF) Física/material: 30
	(AE) Escatológica: 3

Fonte: elaborado pelo autor.

Dentre as sessenta e nove (69) parcelas de texto indicadoras de antilinguagem, percebe-se que o Narrador-Personagem é quem mais faz uso desse registro, seja por se incumbir da voz narrativa, seja por liderar o assalto e as ações do enredo. Ele também se autorreconhece como tal por não possuir superstições, ao contrário de seus companheiros: “Pereba sempre foi supersticioso. Eu não [...]. Chuto a macumba que quiser” (FONSECA, 2012, p. 8).

Ademais, a predominância de casos de AF e de AC sugere, respectivamente, que a violência física e os atos de cunho sexual regem o cotidiano das personagens. Logo, tanto na execução de crimes (furto de veículo, invasão de propriedade, homicídio, roubo de joias, estupro) quanto nos desejos libidinosos das personagens (coito com as mulheres do conjunto em que viviam, masturbação, abuso das mulheres da festa), a manifestação da antilinguagem de tipo físico/material e de natureza carnal/sexual prevalece ao longo do conto<sup>34</sup>.

O Quadro 4, após, expõe a relação entre as personagens e os tipos de antilinguagem mais utilizados por elas.

<sup>34</sup>A relação completa das ocorrências de antilinguagem em “Feliz ano novo” consta nos anexos deste trabalho.

Quadro 4 - Relação entre personagens e tipos de antilinguagem

Tipos de antilinguagem	Narrador-personagem	Zequinha	Pereba
(AP) Psicológica/mental	12	5	3
(AC) Carnal/sexual	8	6	2
(AF) Física/material	17	9	4
(AE) Escatológica	3	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir, apresentam-se algumas ocorrências de acordo com as categorias elencadas no Quadro 3.

(21) *Passamos várias casas que não davam pé* (AP - Narrador).

(22) *Os homens não tão brincando* (AP - Zequinha).

(23) *Os homens não tão dando sopa* (AP - Pereba).

Nota-se que em (21) o Narrador-Personagem está articulando um plano para definir o local mais viável para “invadir uma casa bacana que tá dando festa” (FONSECA, 2012, p. 10). Para tanto, faz uso da AP *não davam pé*, ou seja, as casas não eram ideais para isso, visto que ou continham fluxo de pessoas ou estavam perto da via pública, o que poderia arruinar o plano. Em (22), uma vez que trata os policiais como *os homens* e que ressignifica o sentido de *brincando*, Zequinha omite o que verdadeiramente pretende afirmar, bem como exprime aos outros membros da antissociedade que os responsáveis pela aplicação da lei estão agindo com rigor<sup>35</sup>. Pereba, na mesma direção do que sinalizou o último, alude à polícia de modo secreto e reafirma a preocupação de seu colega, concluindo que *os homens não tão dando sopa*.

Portanto, as ocorrências de antilinguagem de natureza psicológica/mental (AP) refletem o sentimento apreensivo das personagens quanto à conduta policial e à ameaça à sua liberdade. Conforme pautado na seção 1.4, o emprego da antilinguagem, suscitada pela tensão que aflige o grupo, remete ao que declarou Podgorécki (1973). Nesse viés, os indivíduos usufruem desse

<sup>35</sup> Zequinha comenta que os policiais dispararam dezesseis vezes contra Bom Crioulo e estrangularam Vevé, pelos quais o trio de protagonistas tinha apreço (FONSECA, 2012, p. 9).

registro para manter a realidade social alternativa, denominada de "segunda vida" pelo sociólogo polonês e atribuída como meio de defesa/reconstrução de suas identidades.

Ainda, em comparação à análise feita pelo sistema de transitividade, é possível constatar que os vinte (20) casos de AP são, geralmente, expressos pelos processos relacionais e mentais (como no exemplo 21) realizados, e, menos frequentemente, envolvem os materiais (como nos exemplos 22 e 23).

(24) *Você acha que as madames vão dar pra você?* (AC - Narrador).

(25) *E vocês montados nessa baba tão aqui tocando punheta* (AC- Zequinha).

(26) *Não vais comer uma bacana destas?* (AC - Pereba).

Em (24), (25) e (26) os processos *acha* (mental), *vão dar* (material), *tão tocando* (material) e *vais comer* (material) demonstram que os processos materiais colocam as três personagens como Atores (possuidores) e as mulheres como Metas (possuídas). Assim sendo, a antilinguagem do tipo carnal/sexual (AC) é predominantemente concretizada por processos que reduzem as mulheres a coisas/objetos. Na decisão por essas escolhas linguísticas, o Narrador-Personagem, Zequinha e Pereba comunicam seus desejos libidinosos ao mesmo tempo em que os mascaram a partir da antilinguagem. Pode-se, aliás, traçar um paralelo entre a incidência de 17 casos de AC (rever Quadro 3) com o que Halliday (1982, p. 217) diagnosticou a partir dos estudos de Mallik, que “a linguagem do mundo da delinquência (com certas exceções) é essencialmente uma linguagem masculina”.

(27) *O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano* (AF - Narrador).

(28) *Os ferros na mão e a gente [não faz] nada* (AF - Zequinha).

(29) *Engrossaram e eu tive que botar respeito* (AF - Pereba).

No que concerne às ocorrências de antilinguagem de natureza física/material (AF), majoritariamente ligada a processos materiais, percebe-se que em (27) o Narrador modela o discurso por meio do processo material *quer fazer* e do escopo-processo *primeiro gol do ano* como uma metáfora para a prática do primeiro assalto do ano. Dessa forma, os indivíduos cooperam e associam o feito máximo de um esporte<sup>36</sup> ao delito e mantêm o sigilo - uma das

---

<sup>36</sup> Indo além, deduz-se que o crime é como uma prática esportiva, algo banal e trivial para os membros da antissociedade em questão, já que precisam realizar ações consideradas ilegais para assegurar sua subsistência.

características da antilinguagem mencionadas por Halliday (1982) -, impedindo que terceiros os compreendam. Em (28), Zequinha recorre a uma AF para exigir iniciativa em relação ao assalto, tendo em vista que estavam equipados após a aquisição mediada por Lambreta. Com isso, Zequinha faz referência aos armamentos sem evidenciá-los, por meio do vocábulo *ferros*. Já em (29), ao invés de declarações que acusassem seus crimes, como *agredi-as* ou *violentei-as*, Pereba utiliza a expressão *botar respeito*, ofuscando a morte das mulheres da casa invadida.

(30) *Tirei as calças e caguei em cima da cama* (AE - Narrador).

Por fim, como os casos de antilinguagem de natureza escatológica (AE) são menos recorrentes (3); ela foi evidenciada apenas nas falas do Narrador-Personagem e realizada por processos comportamentais. Em (30), o Narrador diz ter defecado em uma das camas da residência invadida, após o estupro e a morte das mulheres. O processo comportamental *caguei* caracteriza a ação fisiológica - em espécie de protesto -, sustentando, de acordo com Halliday (1982), a contrarrealidade do grupo, pois a linguagem secreta se justifica pela realidade que também é secreta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi identificar, por meio do sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da orientação pelo conceito de antilinguagem (HALLIDAY, 1982), as representações de violência no conto "Feliz ano novo", de Rubem Fonseca (2012). Para tanto, o conto foi analisado em duas dimensões: (a) a verificação dos tipos de processos empregados pelas personagens, a fim de retratar a contrarrealidade em que vivem e (b) a identificação e categorização da natureza desse registro tão peculiar.

Na seara dos estudos linguísticos aplicados à literatura, espera-se contribuir para as análises linguísticas, na vastidão de possibilidades e potencialidades, de *corpora* literários e seguir abrindo caminho para o rico diálogo entre as duas áreas, conforme prega Hasan (1989). Como sugestão para trabalhos futuros, imagina-se possível a realização de estudos que considerem os seguintes elementos determinantes de antilinguagem, com base em Halliday (1982): **i)** sigilo, **ii)** realidade social alternativa, **iii)** tensão entre sociedade e antissociedade, **iv)** oposição a alguma norma estabelecida. Detectar esses componentes em uma materialidade textual, literária ou não, permitiria compreender o funcionamento linguístico e as motivações

extratextuais de outras várias antissociedades que precisaram operar a antilinguagem para reforçar suas identidades e/ou evitar o apagamento de forças opressoras.

Os resultados demonstram que há predominância de processos materiais e relacionais, o que leva a concluir que as atividades das personagens visam transformar a realidade distópica em que vivem, ao mesmo tempo em que os relacionais demonstram a marcação da própria condição marginal em que se encontram.

Também foram encontradas quatro categorias reveladoras da natureza das ocorrências de antilinguagem empregadas pelas personagens: (1) natureza psicológica/mental (AP); (2) natureza carnal/sexual (AC); (3) natureza física/material (AF); (4) natureza escatológica (AE). O protagonismo do Narrador-personagem revela-se por meio de 40 ocorrências de antilinguagem, sendo que ele coordena as ações do grupo e possui instrução, além de possuir a maior incidência em todos os quatro tipos. Zequinha, por sua vez, opera a antilinguagem em 20 momentos, mostrando-se agoniado com o estado de vulnerabilidade do grupo e determinado a agir contra isso. O produto disso é visualizado na predominância de antilinguagem do tipo físico/material (AF), sendo comumente atrelado ao tom bélico e violento da personagem. Por outro lado, a voz menos potente do grupo é a de Pereba, com 9 ocorrências de antilinguagem. Pelo fato de não possuir feição agradável (o que é ilustrado pelo próprio apelido), é motivo de chacota pelos outros dois. O baixo número (2) de processos mentais sugere, outrossim, que Inocêncio raramente pensa ou sente, alheio a preocupações menos imediatas do que a fome.

Assim sendo, a violência é representada como uma reação direta à miséria vivida pelo grupo da periferia do Rio de Janeiro, estimulada pela irresignação das personagens. Tal irresignação culmina em barbáries de cunho psicológico, físico, sexual e escatológico, sendo elas permeadas pelas antilinguagem.

Portanto, as personagens que convivem na antissociedade – na realidade social alternativa - de “Feliz ano novo” assumem-se como detentoras de suas identidades e vivências, intermediando as relações a partir da antilinguagem. A máquina que fabrica as desigualdades, posto que mantém intactas as hierarquias sociais, retira a dignidade de grupos que estão à margem da “Cidade Maravilhosa” retratada no conto. Tendo isso em vista, apesar de distantes de genuinamente celebrarem o ritual de um novo ano tradicional, Pereba, Zequinha e o Narrador-personagem modelam o discurso para manifestarem suas realidades secretamente, à espera de que sua “segunda vida”<sup>37</sup> seja mais digna do que a primeira.

---

<sup>37</sup> Terminologia de Podgorécki (1973) que foi retomada por Halliday (1982), vide seção 1.4.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. M. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Universidade de Brasília (Unb), v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009.

CALCUTTA YELLOW PAGES. **Bhakti Prasad Mallik**. Disponível em: <https://www.calcuttayellowpages.com/adver/108746.html>. Acesso em 01 nov. 2023.

CANDIDO, A. **A nova narrativa**. In: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.

CERQUEIRA, R. S.. A violência como discurso em Feliz ano novo de Rubem Fonseca. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**. Universidade Estadual de Londrina (UEL), v. 15, 2009, p. 17-27.

DALCASTAGNÊ, R. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Universidade de Brasília (UnB), n. 20, 2011. p. 33-77.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage Handbook of Qualitative research**. Fifth Edition. SAGE Publications, Inc., 2018.

DIÁRIO DO ESTADO. **Os 10 países mais desiguais do mundo**. Disponível em: <https://diariodoestado.go.com.br/os-10-paises-mais-desiguais-do-mundo-78146/>. Acesso em 28 jun. 2023.

EDUCAÇÃO GLOBO. **Rubem Fonseca**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/rubem-fonseca.html>. Acesso em 10 out. 2023.

ESCRITOR SACOLINHA. **Graduado em marginalidade - 3ª edição**. Disponível em: <https://escritorsacolinha.com/produto/graduado-em-marginalidade-3a-edicao/>. Acesso em 16 nov. 2023.

FONSECA, R. Feliz ano novo. In: FONSECA, R. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 8-12. Disponível em: [https://fundbras.files.wordpress.com/2014/02/feliz\\_ano\\_novo\\_fonseca\\_rubem.pdf](https://fundbras.files.wordpress.com/2014/02/feliz_ano_novo_fonseca_rubem.pdf). Acesso em 07 jun. 2023

FONSECA, R. Intestino grosso. In: FONSECA, R. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 71-77. Disponível em: [https://fundbras.files.wordpress.com/2014/02/feliz\\_ano\\_novo\\_fonseca\\_rubem.pdf](https://fundbras.files.wordpress.com/2014/02/feliz_ano_novo_fonseca_rubem.pdf). Acesso em 07 jun. 2023.

FONSECA, R. Passeio noturno (parte I). In: **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 29-30.

FUZER, C.; CABRAL, S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa. Santa Maria:** Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

GARLET, D. J. **Os motivos da censura em *Feliz ano novo***, de Rubem Fonseca. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, RS, n. 14, p. 62-68, 2015.

GOMES, G. Polari: uma alternativa para os gays na Inglaterra preconceituosa do século 20. **AVENTURAS NA HISTÓRIA**, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/polari-uma-alternativa-para-os-gays-na-inglaterra-preconceituosa-do-seculo-20.phtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

GONZAGA, S. **Manual de literatura brasileira**. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

HALECKI. **Professor Adam Podgorecki**. Disponível em: <https://halecki.org/professor-adam-podgorecki>. Acesso em 17 nov. 2023.

HALLIDAY, M. **El language como semiótica social:** La interpretación social del lenguaje y del significado. Trad. Jorge Ferrero Santana. México: Fondo de cultura Economica, 1982.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Linguistics, language, and verbal art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th. ed. London: Routledge, 2014.

HASAN, R. Part 2. *In:* HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Linguistics, language, and verbal art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

IPEA. **O que é? - Índice de Gini**. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2048:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28). Acesso em 05 nov. 2023.

NÓBREGA, J. M. **Feliz ano novo:** a violência na ficção de Rubem Fonseca. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2020.

PODGÓRECKI, A. **Knowledge and Opinion about Law**. Ed. C.M Campbell, W. G. Carson and P. N. P. Wiles, London, 1973.

ROBSON, David. The secret “anti-languages” you’re not supposed to know. **BBC**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20160211-the-secret-anti-languages-youre-not-supposed-to-know>. Acesso em: 19 nov. 2023

SABINO, J. F. Rubem Fonseca: modalidades de encarceramento. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 92, p. 229–240, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180015>. Acesso em 11 out. 2023.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Cena do crime:** Violência e realismo no Brasil contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TORRES, F. F. G. **A construção da identidade marginal no livro “Graduado em Marginalidade”**: a Linguística Sistêmico-Funcional como ferramenta aos estudos críticos. 2012. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

## **ANEXO A - Relação completa de casos de antilinguagem presentes no conto**

O Anexo A reúne todas as ocorrências de antilinguagem praticada pelo Narrador-personagem, por Zequinha e por Pereba, presentes em “Feliz ano novo” (FONSECA, 2012, p. 8-12). A ordem da relação foi definida conforme a ordem de aparecimento desse registro no texto, ou seja, da ocorrência mais antiga (#A01) até a mais recente (#A69).

[#A01]: *Vai mijar noutra lugar, tô sem água.*

[#A02]: *Pereba saiu e foi mijar na escada.*

[#A03]: *Onde você afanou a TV?*

[#A04]: *Afanei porra nenhuma.*

[#A05]: *youê pensa que sou algum babaquara [...].*

[#A06]: *[...] para ter coisa estarrada no meu cafofo?*

[#A07]: *De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs.*

[#A08]: *[...] cortaram no Miguel Couto e tá ele aí, fudidão, andando de muleta.*

[#A09]: *Chuto a macumba que quisier.*

[#A10]: *Mudamos de canal, prum banguê-banguê.*

[#A11]: *Todas corneiam os maridos.*

[#A12]: *Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?*

[#A13]: *Pena que não tão dando pra gente.*

[#A14]: *Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.*

[#A15]: *Você acha que as madames vão dar pra você?*

[#A16]: *O máximo que você pode fazer é tocar uma punheta.*

[#A17]: *Fecha os olhos e manda brasa.*

[#A18]: *Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido.*

[#A19]: *Tanta gente rica e eu fudido.*

[#A20]: *Zequinha entrou na sala, viu Pereba tocando punheta [...].*

[#A21]: *Michou, michou, assim não é possível [...].*

[#A22]: *Por que você não foi para o banheiro descascar sua bronha?*

[#A23]: *No banheiro tá um fedor danado [...].*

[#A24]: *As mulheres aqui do conjunto não tão mais dando?*

[#A25]: *Ele tava homenageando uma loura bacana, de vestido de baile e cheia de joias.*

[#A26]: *Já vi que vocês tão na merda.*

[#A27]: *Passamos um tempão em São Paulo na boca do lixo [...]*

[#A28]: *[...] bebendo e comendo as mulheres.*

[#A29]: *[...] a maré também não tá boa pro meu lado.*

[#A30]: *A barra tá pesada.*

[#A31]: *Os homens não tão brincando.*

[#A32]: *Tacaram fogo nele.*

[#A33]: *Virou torresmo.*

[#A34]: *Os homens não tão dando sopa.*

[#A35]: *Quais são os ferros que você tem?*

[#A36]: *E vocês montados nessa baba tão aqui tocando punheta?*

[#A37]: *Armei primeiro a lata de goiabada.*

[#A38]: *Me amarro nessa máquina.*

[#A39]: *ainda dou um tiro com esta belezinha [...].*

[#A40]: *[...] nos peitos de um tira [...].*

[#A41]: *O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano.*

[#A42]: *É, mas dizem que ele dá o bozó.*

[#A43]: *Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar.*

[#A44]: *Pra cima de mim nunca veio com frescuras.*

[#A45]: *Homem não deve dar o cu.*

[#A46]: *Os ferros na mão e a gente nada [...].*

[#A47]: *A gente puxa um carro e sai procurando.*

[#A48]: *Coloquei a lata de goiabada numa saca de feira, junto com a munição.*

[#A49]: *Puxamos um Opala.*

[#A50]: *Passamos várias casas [...].*

[#A51]: *[...] que não davam pé.*

[#A52]: *Engrossaram [...].*

[#A53]: *[...] e eu tive que botar respeito.*

[#A54]: *Pra que ficou de flozô [...].*

[#A55]: *[...] e não deu logo?*

[#A56]: *Também tinha batido as botas.*

[#A57]: *[...] já tava mais pra lá do que pra cá.*

[#A58]: *[...] caguei em cima da colcha.*

[#A59]: *[...] estavam todos quietos e encagaçados [...].*

[#A60]: *[...] tudo aquilo para eles era migalha.*

[#A61]: *[...] já levei este bunda-suja no papo.*

[#A62]: *Não vais comer uma bacana destas?*

[#A63]: *Tô cagando pra elas.*

[#A64]: *Só como mulher que eu gosto.*

[#A65]: *Acho que vou papar aquela moreninha.*

[#A66]: *[...] Zequinha deu uns murros nos cornos dela [...].*

**[#A67]:** [...] larga o rodante numa rua deserta de Botafogo [...].

**[#A68]:** Este edifício está mesmo fudido.

**[#A69]:** [...] é coisa quente.